

A FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO REFLEXIVA

Luiza Marina Saraiva de Negreiros

Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Santos Dumont – E-mail: frois@isd.org.br

Resumo: A formação continuada nas escolas tem grande importância para a construção da consciência crítica dos educadores, que terminam suas graduações com algumas deficiências em suas formações didáticas. De certa maneira, a formação continuada é ferramenta para que os educadores estejam em constante reflexão sobre a educação como um todo e, com isso, possibilita uma maior chance de nela intervir de forma consciente. Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência exitosa de formação continuada para educadores da Escola Alfredo J. Monteverde, realizada no ano de 2016. O trabalho apresenta as propostas vividas pelos educadores, no período dessa formação, visando conhecer quais os aprendizados e a importância destes para o planejamento escolar. Observou-se que, durante o período de formação, o que mais se ressaltou foi a valorização do ato de ler (livros, textos) e refletir sobre a realidade vivida, como também a interação estabelecida entre os educadores através do diálogo. É importante destacar a relevância da formação continuada nas escolas para construção de uma práxis educativa transformadora, como também do diálogo, favorecendo assim a construção do conhecimento mútuo, entre os educadores, para fundamentar o planejamento do que será vivenciado ao longo do ano.

Palavras-chave: Formação continuada, práxis, diálogo, conhecimento mútuo.

1. INTRODUÇÃO

O que mais se tem visto, no cenário educacional da atualidade, é a necessidade dos diversos setores que constituem o ambiente escolar mudar seu panorama geral. Mudar, no sentido de reorganizar a estrutura educacional, que ainda possui muitas características da metodologia tradicional, e isso se dá pela forma de como é tratada a educação por parte do sistema das políticas públicas do país, onde a maioria dos educadores que saem das universidades (formação inicial), não conseguem associar o que aprendem em seus cursos com a vivência em sala de aula e acabam caindo no modelo de educação tradicional que é regida por esse sistema. A educação tradicional também pode ser chamada de educação bancária, que visa só a reprodução dos conteúdos e o aluno é visto como um depósito de conhecimentos vazios (FREIRE, 2001).

Contudo, um dos esforços para mudar essa realidade da educação são os investimentos nas formações continuadas nas escolas e em todos os níveis de ensino. Uma formação desse tipo não é vista como uma “reciclagem” dos educadores, nem mesmo uma “capacitação” deles, mas sim uma forma em que os educadores, de todas as áreas de atuação na escola, tenham a oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica, fundamentar-se teoricamente, de dialogar entre si, favorecendo a troca e a construção de conhecimentos entre todos.

De certa maneira, essa formação continuada é um ponto positivo, pois nos espaços formativos (que podem ser na própria escola), o educador está em permanente diálogo sobre os problemas, reflexões e diversas experiências no campo da educação, os quais possibilitam o “praticar do aprender e ensinar” com pessoas da mesma área. É por essa prática, que se constrói não só uma base de conhecimentos sobre o mundo, mas também uma melhor compreensão da sociedade em que se está inserido e uma maior possibilidade de nela intervir, de forma consciente.

Segundo Souza (2008, p.42) “ser professor, hoje, significa não somente ensinar determinados conteúdos, mas, sobretudo um ser educador comprometido com as transformações da sociedade, oportunizando aos alunos o exercício dos direitos básicos à cidadania” e com isso, é importante ressaltar que o educador precisa não só estar preocupado com o conteúdo, mas também com a formação cidadã do aluno.

Nesse contexto, a formação continuada de educadores assume um papel fundamental para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e democrática, oferecendo bases para a formação teórico-científica, que os permitam compreender o mundo atual e o papel que a ciência e tecnologia poderão desempenhar na vida pessoal de cada um e na sociedade em geral. É importante ressaltar também que, deve-se priorizar alguns aspectos, na formação continuada, que possibilitem que esta seja ampliada. Uma dessas prioridades deve ser a de reavivar o olhar para os educadores como sujeitos de direito a esta formação, ou seja, visar tempo e espaço de formação como fundamentais ao trabalho pedagógico.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar como experiências exitosas, duas semanas pedagógicas ocorridas em 2016, que visavam propiciar uma formação inicial e continuada para os educadores envolvidos, bem como ressaltar a importância dessa formação para seu corpo docente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O diálogo como norte para o processo de formação continuada

A formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise, onde “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente” (NÓVOA 2002, p.23). O mesmo autor (1997, p. 26) também ressalta que “A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a

desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”.

Partindo desta referência, a formação dos educadores não está pronta e acabada no momento em que saem da universidade com o diploma de licenciado, este é só o começo de sua jornada na educação e esse “andar na educação” precisa ser junto com a escola em que está atuando ou que futuramente atuará. Para isso, precisa existir um suporte e um norte durante toda sua prática que poderão ser as formações continuadas que, por direito, os educadores deverão ter em suas escolas, geralmente realizadas no início do ano. Contudo, em algumas escolas, essas formações continuadas são confundidas com alguns dias, no início do ano, para uma organização da cronologia dos conteúdos de cada disciplina, deixando de lado o real sentido de existirem formações permanentes nas escolas.

A formação continuada nas escolas precisa sair do foco dessa cronologia de conteúdos – os quais, na maioria das vezes, serão repassados e não dialogados com os alunos no decorrer do ano – e passar a ter um foco mais pedagógico, tendo o diálogo como ferramenta fundamental nessa formação que é um dos mais importantes princípios que norteiam esse processo do saber, pois sem ele não existe a construção do “aprender a aprender e o aprender a ensinar”, como também não estabelece a comunicação entre as pessoas, muito menos a troca de conhecimentos que deve existir a toda hora. Segundo Freire (1986, p. 64)

(...) penso que deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isto faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendida como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. Está claro este pensamento? Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. (...)

O ser humano é um ser histórico e não um objeto que passa os anos do mesmo jeito e só muda se alguém tirar do lugar e colocar em outro. Ele

precisa, constantemente, do diálogo para a transformação do seu próprio ser e para transformar as pessoas que estão em volta e é com essa transformação que se consegue ver uma evolução na consciência crítica dos educadores, como também, possibilita uma reflexão maior acerca da realidade vivida.

2.2 A práxis na formação continuada do educador

Tratar sobre a questão da práxis na educação é de fundamental importância para que as discussões nesse âmbito não permaneçam ou caiam sempre no “Laissez-faire”, ou seja, que não estimulem os educadores a uma constante reflexão de suas práticas pedagógicas. Pelo contrário, os educadores precisam estar em constante práxis (ação e reflexão) para que os estimulem a ter posições mais indagadoras, inquietas e criadoras (FREIRE, 2001).

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2003, p. 43).

Com isso, ao enfatizar a importância da reflexão crítica constante, o educador torna-se o principal sujeito de seu processo permanente de auto formação, desenvolvendo sua capacidade de ouvir o outro e também a si próprio, com criticidade e responsabilidade, avaliando permanentemente a sua prática pedagógica. Agir assim, revela comprometimento com a profissão e conseqüentemente com a melhoria da qualidade da mesma.

A ideia do educador que vive a práxis é que este viva o exercício da ação-reflexão-ação, ou seja, planeje e organize seu trabalho pedagógico – visando sempre o aprendizado dos alunos –, seguido da reflexão constante do ensinar e a avaliação do que está sendo ensinado. Sendo que, uma das formas para que a práxis exista na escola, com todos os educadores envolvidos, é a formação continuada com embasamento teórico para direcionarem as práticas diárias em sala de aula. Conhecer as Teorias Educacionais, seus pensadores, as contribuições que deram à educação, aliadas à afetividade e a problematização da realidade social dos alunos, torna os educadores mais aptos a acertarem com eles e, com isso, o educador se torna mais reflexivo e constantemente inquieto com o que observa, buscando inovações que atraiam os alunos a aprender junto com ele.

2.3 Importância do planejamento na prática pedagógica do educador

O ato de “planejar” está inserido na vida do ser humano em todos os momentos. Não seria diferente a dos educadores, que vivem o “planejar” intensamente todos os dias. O simples fato de parar um momento e pensar o que utilizar de materiais, como fazer o uso desses materiais na aula da próxima semana, já está iniciando seu planejamento. Contudo, não pode ser banalizado o “planejar” ao ponto de ser apenas a escolha destes materiais, pois, com isso, o educador não estará, necessariamente, fazendo uma ação transformadora, mas sim fazendo apenas escolhas que não terão cunho pedagógico nenhum.

A ausência de um processo concreto de planejamento de ensino nas escolas, aliado às demais dificuldades enfrentadas pelos educadores em amplos aspectos, tem levado a uma contínua “improvisação pedagógica das aulas” (FUSARI, 2008, p.47). Existe ainda, a ideia de que só a experiência do educador já é suficiente para ministrar aulas com competência e por essa razão, muitas vezes, os educadores trocam o que seria o seu planejamento pela escolha de um livro didático. Infelizmente, quando isso acontece, na maioria das vezes, esses educadores acabam se tornando simples administradores do livro escolhido, onde deixam de planejar seu trabalho a partir da realidade de seus alunos para seguir o que o autor do livro considerou como mais indicado, ignorando totalmente a função do planejar bem como a sua importância (MORETTO 2007).

A função principal do planejamento, nas formações continuadas, como também no dia a dia do educador, se detém a um conjunto de ações que são preparadas projetando um determinado objetivo, em outras palavras é “um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente” (LUCKESI, 1992, p.121). Sendo assim, o educador precisa estar em constante reflexão para conseguir planejar de forma que atenda às necessidades dos alunos, no sentido de buscar sempre entender a realidade do mesmo para que possa organizar planos de aulas que tenham significado e que atinjam os objetivos de cada aula proposta.

3. METODOLOGIA

O artigo aqui apresentado é de conclusão do curso de especialização em Ensino de Ciências Naturais e Matemática e teve como objeto a análise da formação continuada dos educadores da Escola Alfredo J. Monteverde, na unidade de Natal – RN. Esta escola faz parte do Centro de Educação Científica (CEC) – do Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Santos Dumont (ISD) – que visa o trabalho com a Pedagogia Freiriana

em oficinas didáticas que funcionam no contra turno das escolas regulares da rede pública, tendo em cada oficina um total de 25 alunos do Ensino Fundamental II.

A unidade de Natal foi a escola escolhida para acontecer a formação de início de ano, por ser a que comporta todos os participantes de forma mais adequada para a realização dessa formação. Estavam presentes as equipes pedagógicas compostas pelos Coordenadores de Oficina Didática e Assistentes de Coordenação de Oficina Didática (educadores das oficinas didáticas de cada Unidade), bem como a Assessoria de Direção com o Assistente de Formação Didática e os (as) Coordenadores Pedagógicos de cada Unidade, estavam presentes ainda as Assistentes de Coordenação Pedagógica e as Auxiliares Administrativas de cada CEC, tendo um total de 41 membros de todas as equipes.

O período de realização da análise foi feita durante a formação que aconteceu entre os dias 25 de janeiro a 05 de fevereiro de 2016 (equivalente a duas semanas de formação), tendo como material de análise as atividades realizadas em cada dia de encontro, como também falas (durante as atividades e conversas informais) e registros escritos (avaliações feitas no final de cada semana de formação) dos educadores que participaram da formação.

Durante a primeira semana de formação, foi trabalhado o livro Fundamentos da Escola do Trabalho – M. M. Pistrak, tendo como dinâmica para a leitura e discussão do livro, a organização da equipe em grupos, composto de cinco a seis componentes, onde no período da manhã eram feitas leituras, discussões e resumos dos capítulos, para que, posteriormente, fossem socializados para todos nas reuniões à tarde.

Já a segunda semana foi dedicada a discussões em duplas e no grande grupo, de textos relacionados aos focos de trabalho do ano letivo – Olimpíadas do Rio 2016; Eleições Municipais; Registro de Alunos; Planos de aulas e de Curso; A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2016 (SNCT): Ciência alimentando o Brasil; e os Estudos do meio –, tais como: “texto sobre a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – SNCT”, bem como a exibição e discussão de documentários também relacionados aos focos de trabalho, como: “Realidade Brasileira – Florestan Fernandes”, “Documentário sobre a vida de Nina Simone”, “Muito Além do Peso” e “Clitóris, prazer proibido” e por fim, os educadores tiveram tempo reservado para reorganizarem os planos de curso, que é feito sempre perto do final da formação, pois os mesmos já têm uma base teórica, trabalhada nos dias anteriores, e poderão discutir com os outros educadores a fim de organizarem esse plano.

A formação continuada dos CEC's não é só realizada no início do período letivo. Pelo próprio nome, já se sabe que terá continuidade por todo ano em pequenas reuniões que acontecem toda sexta-feira, como também após o recesso do meio do ano, quando é dedicada uma semana para uma pequena formação de início de semestre e sempre no final de cada formação/reunião é feito uma avaliação das aprendizagens de cada encontro.

Nessa organização percebe-se que o diálogo, entre as equipes existe de fato, pois tudo que é trabalhado é discutido entre todos e aberto a opiniões para a construção coletiva do conhecimento. Contudo, percebe-se uma importância maior na formação de início de ano, pois esta é tida como um norte para o que vai ser trabalhado nas aulas do ano letivo como também serve de base para as possíveis discussões das reuniões semanais e da formação pós-recesso do meio do ano.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os focos trabalhados na formação do início do ano, para comporem o Plano de Curso e nortear a prática dos educadores, destacaram-se: as Olimpíadas do Rio 2016; Eleições Municipais; Registro de Alunos; Planos de aulas e de Curso; SNCT 2016: Ciência alimentando o Brasil; e os Estudos do meio. Esses focos nortearam a prática pedagógica nas oficinas didáticas de cada escola e, os aprendizados envolvidos na formação, serviram de guias para o trabalho desses focos no decorrer do ano.

Entre os aprendizados dos educadores, o que mais se ressaltou foi o “ato de ler” que é de fundamental importância para a construção crítica do pensamento e, quando feito no coletivo, promove o diálogo reflexivo entre as pessoas envolvidas, pois todos podem dar suas opiniões a respeito do assunto abordado e esse “ler” requer a associação constante com a realidade.

Segundo Freire (1989, p. 9) “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” Ou seja, a prática da leitura deve ser feita de forma crítica, onde o educador deverá estar em constante reflexão sobre o seu contexto vivido. Essa reflexão foi praticada durante a formação, principalmente na leitura do livro de Pistrak, o qual alguns educadores destacaram que mesmo sendo um livro antigo, o mesmo se enquadrava no contexto vivido nas oficinas didáticas da escola.

A leitura precisa estar constantemente atrelada à vida de um educador e isso precisa

ser praticado nas formações na escola, como também em outros momentos formais e informais de aprendizado. A leitura, atrelada a vida do educador, permitirá a compreensão das relações entre o que está sendo lido com sua realidade. O ato de ler, quando incorporado pelos educadores, perpassa as formações vividas e se expressa em sua sala de aula. Os alunos, quando incentivados a ler e entender o que leem, são desafiados a escrever mais, não no sentido de quantidade, mas sim de qualidade e esse incentivo não pode ser só para a leitura de inúmeras páginas vazias, sem nenhuma relação com a realidade (memorização para prova, por exemplo), mas sim, voltado à interpretação do que realmente está lendo.

As discussões também foram alimentadas por exposições de documentários, como também pelas reelaborações e apresentações dos planos de curso por parte das equipes. Um dos documentários que mais se ressaltou foi: Realidade Brasileira – Florestan Fernandes, onde o educador propõe uma educação revolucionária que fortaleça a valorização da escola pública com uma educação de qualidade e que promova o fim das diferenças de classe, fortalecendo o trabalho do homem do campo e a luta pela reforma agrária. A discussão desse documentário foi feita no grande grupo, onde a grande maioria aprovou o ponto de vista de Florestan, afirmando que precisa existir uma educação de qualidade e que atinja a todos os brasileiros.

Além do documentário do Florestan Fernandes, os educadores destacaram como base para aprendizados da formação a leitura e exibição de um documentário que fundamentou a discussão sobre o tema da SNCT e que este alertava sobre a necessidade de sensibilização e mobilização da sociedade acerca do consumismo na infância e propõe uma reflexão sobre a responsabilidade de todos os envolvidos. Durante as discussões, os educadores concluíram que o efeito devastador dos alimentos nocivos à saúde (alimentos industrializados, fast food, entre outros) trazem à tona propagandas abusivas que passam na mídia televisiva com apelos visuais marcantes, falta de ética das indústrias alimentícias que visam apenas o lucro e não se preocupam com a saúde das pessoas. Depois das discussões, foram levantadas propostas sobre o Tema da SNCT que poderiam ser trabalhadas durante o ano com os alunos e que fariam parte da nova composição dos planos de curso 2016.

A interação com os outros educadores é de fundamental importância para a confecção dos planos de curso, pois possibilita a interação necessária para provocar o diálogo e a capacidade de ir ao encontro do outro e, sobretudo, se dispor a ouvi-lo. Neste sentido, o diálogo permite a formação do “eu” e do “tu” em conjunto, ou seja, permite a formação dos

educadores no coletivo, independentemente de sua especialidade (CÁRDIAS, 2010).

Foram avaliados ao final, os conteúdos trabalhados durante toda a formação, como os mais e menos significativos, quais as dinâmicas mais e menos significativas que foram trabalhadas durante as duas semanas e quais os pontos mais e menos significativos que a coordenação (grupo geral e grupos de leitura) do planejamento poderia fazer diferente. Entre todas as propostas trabalhadas na formação, o que mais se ressaltou – nas avaliações dos educadores – foi a oportunidade de ler o livro do Pistrak e discuti-lo com os demais, fundamentando assim a importância do “ato de ler” como também do diálogo estabelecido para a construção dos aprendizados dos educadores envolvidos na formação.

5. CONCLUSÃO

A formação continuada nas escolas é de suma importância para a construção do conhecimento/aprendizado mútuo entre os educadores que compõe o ambiente escolar, pois favorece o estabelecimento do diálogo, a prática da práxis como também o planejamento que é fundamental para o decorrer do ano e que, todos esses aprendizados adquiridos na formação, poderão ser vistos nos planos de aula aplicados durante o ano letivo. Também é importante ressaltar que, pelo próprio nome já diz, é uma formação continuada, ou seja, precisa existir por todo o ano, onde sempre tem uma de início de ano e no decorrer deste, encontros entre os educadores para troca de experiências de sala de aula.

Por fim, pode-se ressaltar também a importância de se ter a formação continuada simultânea à prática pedagógica e não como anteparo desta, pois o processo de planejamento e desenvolvimento das aulas junto com os alunos se desenvolve, simultaneamente, com o processo de formação continuada dos educadores, já que se acredita que toda e qualquer escola somente tem sentido quando se constitui num todo formador onde todos os envolvidos se formam conjuntamente, cada um assumindo rigorosamente funções e tarefas diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÁRDIAS, S. M. O diálogo como elemento mediador de práticas educativas reflexivas. 2010. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e4.pdf>> Acesso em: 25/07/2016.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**: cotidiano do professor. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FUSARI, J. C. O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas. 2008. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf> Acesso em 10/07/2016.

LUCKESI, C.C. **Planejamento e Avaliação escolar:** articulação e necessária determinação ideológica. IN: O diretor articulador do projeto da escola. Borges, Silva Abel. São Paulo, 1992. FDE. Diretoria Técnica. Série Idéias nº 15.

MORETTO, V. P. **Planejamento:** planejando a educação para o desenvolvimento de competências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NÓVOA, A. **Os Professores em Formação.** 3. ed. Lisboa/Portugal: Pub. Dom Quixote, 1997.

_____. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa/Portugal: Educa, 2002.

SOUZA, M. G. da S. A formação continuada e suas contribuições para a profissionalização de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de Teresina- PI: revelações a partir de histórias de vida. 2008, 130 f. Dissertação de Mestrado em Educação –UFPI, 2008.